

O debate no interior da *New Left* britânica: o significado da controvérsia entre Perry Anderson e E.P. Thompson

Renata H. Dalaqua*

Resumo:

No artigo que se segue, exponho brevemente as principais questões debatidas entre Perry Anderson e E.P. Thompson nos três textos que compõem o debate no interior da *New Left* britânica [“Origins of the present crisis” (1964); “The peculiarities of the English” (1965) e “Socialism and pseudo-empiricism” (1966)]. O contexto no qual a controvérsia se desenvolve é também aqui abordado. Com a intenção de propor uma interpretação para o significado do debate, examino parte da obra de Thompson e de Anderson datada do período que compreende os anos entre 1964 e 1978, buscando os desdobramentos desta primeira controvérsia e avaliando o impacto que ela teve na produção posterior dos dois autores.

Palavras-chave: Marxismo – Historiografia – *New Left*

Abstract:

In the following article, I expose briefly the main questions presented by Perry Anderson and E.P. Thompson in the three texts that compose the debate within the British New Left [“Origins of the present crisis” (1964); “The peculiarities of the English” (1965) and “Socialism and Pseudo Empiricism” (1966)]. The context in which this controversy was held is here approached too. With the intention to propose an interpretation for the meaning of the debate, I analyze part of Anderson’s and Thompson’s work produced between the years of 1964 and 1978, seeking the developments of this first controversy and evaluating the impact it had on their later work.

Keywords: Marxism – Historiography – New Left

*Graduada em Ciência Política pela UNICAMP. O artigo é fruto de sua pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “O debate no interior da *New Left*: a controvérsia entre Perry Anderson e E.P. Thompson”, sob orientação do Prof. Eduardo Barros Mariutti e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Premissa: a controvérsia inicial entre Perry Anderson e E.P. Thompson

No ano de 1964, Perry Anderson e Tom Nairn publicaram no periódico inglês *New Left Review* (NLR) uma série de artigos sobre a história e a trajetória política da Inglaterra. As proposições advogadas pelos dois apareceram primeiramente no artigo de Anderson, "Origins of the present crisis" (1964), e ficaram conhecidas como as "Nairn-Anderson thesis". A publicação de tais teses, em geral, e de "Origins", em específico, gerou polêmica. Neste texto, Anderson caracterizava a experiência histórica da burguesia inglesa como incompleta. Para o autor, a classe burguesa na Inglaterra nunca houvera questionado o domínio político da aristocracia e, em consequência, renunciava à oportunidade de questionar a concepção de mundo vigente e propor uma visão de mundo própria. Segundo o que seria uma regra histórica geral, Anderson afirmava que a classe subordinada adquire sempre uma parte significativa do arsenal ideológico da classe dominante; o exemplo proposto pelo autor para sustentar tal afirmação dizia respeito ao processo revolucionário da Revolução Francesa, em que a classe trabalhadora havia se apropriado radicalmente das reivindicações da burguesia. Assim sendo, o autor explicava o que seria a tragédia do proletariado inglês; que, tendo sido precedido por uma classe social que não desenvolveu sua própria concepção de mundo e se ateve apenas ao "cego empirismo", nunca conseguiu elaborar uma ideologia que se pretendesse hegemônica no país. Daí decorreria a dificuldade da classe trabalhadora inglesa em adotar o marxismo, cuja teoria Anderson considerava que nunca havia sido propriamente desenvolvida no país.

Tais formulações expressavam uma perspectiva histórico-política distinta daquela defendida por membros mais antigos da *New Left* britânica. Apenas um ano antes do início da divulgação das "Nairn-Anderson thesis", E.P. Thompson - personagem fundamental no surgimento da *New Left* e da NLR - havia publicado *The making of the English working class* (1963). Neste livro, Thompson aborda a formação da classe operária inglesa nos termos da experiência própria dos trabalhadores. A atribuição de uma identidade fixa à classe é veementemente combatida pelo autor, que defende uma

concepção da classe em movimento, como um fenômeno histórico, como um acontecimento. A maneira depreciativa como Anderson escrevia sobre a tradição inglesa, bem como a negação das realizações da classe burguesa e da classe trabalhadora, contrariava o esforço realizado por Thompson, em *The making*, para identificar o desenvolvimento de um ativismo político popular na Inglaterra.

Sob a forma de uma contestação minuciosa do conteúdo de “Origins”, Thompson redigiu “The peculiarities of the English” (1965). Tal artigo foi veiculado no anuário *Socialist Register* (SR) e não na *NLR*. Thompson, que uma vez compusera o quadro editorial da revista, havia deixado seu cargo ao perceber que o periódico, sob o comando de Anderson desde 1962, caminhava em uma direção distinta daquela proposta inicialmente. Editada por John Saville e Ralph Miliband, a *Socialist Register* agregava a dissidência da *NLR* e teve seu primeiro volume publicado em janeiro de 1964. Em abril do mesmo ano, a renúncia do antigo quadro editorial da *NLR* foi oficialmente anunciada na revista, na última página do exemplar de número 24.

Em “The peculiarities”, Thompson critica a insistente comparação que Anderson efetua entre a história da Inglaterra e a história de “Outros Países” – especialmente a da França. O autor evidencia que muitas inexatidões históricas apresentadas por Anderson decorrem da utilização imprudente de modelos na análise histórica. Com a intenção de retificar as omissões de Anderson para com as realizações da classe burguesa na Inglaterra, Thompson recupera momentos históricos nos quais a burguesia assumiu um papel relevante e destaca contribuições importantes desta classe em áreas como o protestantismo, a política econômica e a ciência natural. Combatendo as relações de determinação presentes em “Origins”, Thompson aborda o movimento trabalhista na Inglaterra sob uma perspectiva que permite a identificação de uma cultura de resistência desenvolvida entre os trabalhadores e demonstra que tanto o marxismo como o antimarxismo são elementos constitutivos e constituintes da cultura e do movimento operário no país. Por fim, Thompson contesta a queixa de Anderson referente à suposta pobreza

do modo de investigação empírico, afirmando ser o empirismo um idioma intelectual cuja principal vantagem é a possibilidade de interpenetração entre a teoria e a práxis e o desenvolvimento de um movimento dialético entre o conceitual e o empírico, entre os modelos e as particularidades.

A partir da análise dos dois artigos acima brevemente expostos e, ainda, da resposta de Anderson a “The peculiarities” - intitulada “Socialism and pseudo-empiricism” (1966) - , é possível afirmar que, nesta controvérsia, ambos os autores defenderam distintas interpretações e análises da conformação histórica da estrutura de classes na Inglaterra e da relação que estas estabelecem com o Estado. Por diversas vezes, a discussão se ampliou e as reflexões propostas pelos dois autores atingiram questões maiores, que dizem respeito à historiografia marxista e à prática política da esquerda.

Com o objetivo de buscar na própria produção de Anderson e de Thompson o significado deste importante debate, examinei a obra dos dois autores, procurando passagens e comentários que me pudessem auxiliar na elaboração de uma interpretação da controvérsia. Entretanto, a totalidade da obra destes autores não foi o objeto de minha pesquisa; realizei um recorte temporal que compreende os escritos de Anderson e Thompson publicados entre o início do primeiro debate (1964) e a publicação do livro de Thompson, *The poverty of theory* (1978). Esta data constitui um marco final, visto que este último livro dá início a um outro debate entre os autores, que conta ainda com o livro-resposta de Anderson, *Arguments within English Marxism* (1980).

No período demarcado, tanto Anderson como Thompson produziram textos em que é possível ouvir os ecos do debate no interior da *New Left*. Os dois voltam a discutir a conformação da sociedade inglesa, a estratificação social e a atuação da classe trabalhadora no país e a esquerda na Inglaterra. Além disso, ambos abordam a tradição intelectual britânica e polemizam sobre a existência ou não de uma tradição marxista no Reino Unido. Neste sentido, nos textos abordados há sempre menções a *New Left* e a *New Left Review*.

O debate na obra de Anderson (1964-1978)

Uma análise dos artigos publicados por Anderson no período em questão mostra que este autor retoma por diversas vezes os temas debatidos com Thompson. Em “The Left in the fifties” (1965), Anderson repete algumas formulações apresentadas um ano antes, em “Origins of the present crisis”, referentes à natureza da classe trabalhadora inglesa. Neste artigo, em que se dispõe a realizar uma avaliação crítica da atuação da esquerda na Inglaterra ao longo da década de 1950, Anderson enfatiza posicionamentos reacionários da ala direita dos *unionists* do *Labour Party* no que se refere a um debate acerca da nacionalização das indústrias de carvão e de aço. A partir daí, o autor repete a idéia, já presente em “Origins”, de que a classe trabalhadora inglesa seria marcada por uma consciência de classe corporativa, o que constituiria o grande obstáculo à emergência de uma ideologia universal dentro do movimento dos trabalhadores (Anderson, 1965: 06).

Além de questões internas ao *Labour Party*, Anderson analisa outras dimensões da vida política britânica neste mesmo artigo. A Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND, segundo a sigla em inglês) é objeto da avaliação do autor, que aponta falhas ligadas às supostas insuficiências da *intelligentsia* inglesa - a qual esteve atrelada à CND. O exame das formulações presentes neste texto auxilia na compreensão do significado de *intelligentsia* para Anderson. O autor relaciona tal conceito à idéia de autonomia e afirma que em 1956 foi a primeira vez que os intelectuais na Inglaterra se comportaram autonomamente e, por isso, é possível sustentar que a partir daí há uma *intelligentsia* inglesa. É difícil não notar um deslocamento na posição de Anderson sobre esta questão, já que em “Origins” este autor relutava em admitir a existência de uma *intelligentsia* no país.

Ligado a este mesmo deslocamento está o fato de que Anderson escreve com mais generosidade sobre a tradição intelectual britânica. Em por terem elaborado uma crítica radical ao capitalismo no século XIX, e a *New Left* é vista como “herdeira” desta tradição, quando Anderson escreve:

Renata H. Dalaqua

“A New Left representou, com efeito, a primeira vez que esta tradição encontrou sustentação na sociedade, e se tornou a inspiração de um verdadeiro movimento político” (Anderson, 1965: 15).

O movimento político que o autor menciona é a CND. A participação da *New Left* nesta campanha se deu com a elaboração de uma ideologia articulada, que pregava o neutralismo internacionalista para o movimento. Não obstante o esforço deste grupo, Anderson afirma que o trabalho teórico e intelectual acabava sendo sacrificado para atingir grandes mobilizações da CND.

Nos momentos em que Anderson aborda a temática da *New Left*, ele o faz como se estivesse fora do movimento. A impressão que se tem é que, após seu surgimento em 1956, o ápice da atividade política deste grupo se deu no início da década de 1960, com a CND. Quando o autor redige este artigo, em 1965, a *New Left* já seria algo em decadência; ou, pelo menos, assim estaria a sua primeira geração. Como mostrarei adiante, o debate entre Anderson e Thompson refere-se precisamente a um momento de transição de geração dentro deste grupo.

Prosseguindo com sua análise acerca da *New Left*, Anderson aponta uma *ambiguidade de escala*, relacionada a uma *ambiguidade de identidade* no caráter do grupo; visto que esta não era apenas uma agremiação de intelectuais e, tampouco, era um movimento de massas. O autor nota que a base social da *New Left* formou-se a partir de extratos da classe média e, então, afirma que o movimento político proposto pelo grupo nunca atingiu setores da classe trabalhadora (Anderson, 1965: 16). Apesar deste insucesso do movimento, Anderson aponta grandes feitos realizado pela *New Left*; tais como a realização de uma poderosa crítica moral do capitalismo e a elaboração de um sério programa socialista para a transformação do sistema de comunicações.

“Components of the national culture” (1968) também é um texto redigido com propósitos políticos. Em meio às efervescências estudantis de 1968, Anderson escreve este texto a partir da constatação de que um movimento estudantil significativo ainda não emergiu na Inglaterra. O autor acredita que este fato está ligado à conformação conservadora da sociedade

inglesa e à formação cultural reacionária da mesma. Então, elabora um inventário dos problemas próprios da Inglaterra, relacionando diferentes aspectos culturais e estruturais próprios desta sociedade.

O primeiro item de tal inventário diz respeito à ausência de uma sociologia clássica britânica, em oposição às sociologias francesa, alemã e italiana. Esta lacuna já havia sido apontada pelo autor, em "Origins". Todavia, é em "Components of the national culture" que Anderson, referindo-se a ela, profere a seguinte afirmação: "Eventos que deixam de acontecer podem ser mais importantes do que aqueles que acontecem, mas são naturalmente mais difíceis de serem vistos" (Anderson, 1968: 52). Esta sentença parece explicar o *modus operandi* das reflexões políticas de Anderson; que, na maioria das vezes, parte da constatação da ausência de algo.

Um pouco adiante, neste mesmo artigo, Anderson retoma pensamentos expostos em "Origins" e "Socialism", nos quais se referia à fraca recepção do marxismo na Inglaterra. Mais uma vez, o autor lamenta a ausência de autores britânicos comparáveis a Adorno, Della Volpe ou Althusser. A Inglaterra é vista como uma das únicas potências europeias que não produziu um marxismo próprio, nem uma sociologia clássica. Acredito ser preciso contestar estas afirmações de Anderson e lembrar da tradição marxista britânica. A lista é ampla e pode ter início com Dona Torr, passando por Dobb, Hill, Hilton, Hobsbawm, Williams, Thompson, Samuel e incluindo o próprio Anderson. Não obstante, Anderson parece incapaz de perceber esta tradição tão forte e tão própria no momento em que escreve. Deste modo, o autor prossegue em "Components" relatando causas para esta suposta ausência. Novamente, ele reproduz idéias apresentadas em "Origins", as quais alocam a raiz do problema na conformação de classes específica da Inglaterra. A aristocracia agrária volta a ser apresentada como a classe dominante no país, mesmo sob o modo de produção capitalista. Uma explicação para o contínuo domínio político da aristocracia está presente no seguinte trecho do artigo:

Porque a ordem econômica da Inglaterra agrária já era capitalista e o Estado feudal havia sido desmantelado no século XVII, não havia necessidade irrevogável para desalojar a classe dominante

Renata H. Dalaqua

precedente. Um modo de produção comum unia ambas, e tornou possível a sua eventual fusão (Anderson, 1968: 58).

Não há diferenças significativas neste aspecto do pensamento de Anderson, antes e depois do debate. O autor continua a afirmar que o domínio aristocrático nunca foi contestado pela nascente burguesia e, por isso, não haveria na Inglaterra algo como um corpo teórico comparável ao Iluminismo. A burguesia inglesa nunca questionou a sociedade como um todo - daí decorreria a renúncia dos intelectuais ingleses à categoria da totalidade.¹

É possível afirmar que defender tais proposições de Anderson constitui uma difícil tarefa. Em certo momento do texto, o autor admite a existência de determinados grupos críticos à sociedade inglesa; especialmente os pensadores estudados por Raymond Williams, em *Culture and Society* (1958). No entanto, ele descarta arbitrariamente tais críticos em função de suas preocupações, as quais estavam ligadas à tradição literária e não sociológica. Anderson opta por excluí-los de sua linha de pensamento porque considera que o lócus do pensamento crítico e contestador é a sociologia; como não encontra uma tradição sociológica consolidada, o autor se permite sustentar tais idéias. Entretanto, Anderson não percebe que a literatura pode fazer as vezes da sociologia e ser tão crítica e radical quanto.

Quando se inclui entre os marxistas ingleses, Anderson consegue destacar realizações no campo da teoria ocorridas na Inglaterra. Em "The antinomies of Antonio Gramsci" (1976), o autor lembra que a *New Left Review* foi um dos primeiros periódicos socialistas fora da Itália a utilizar o legado teórico gramsciano na análise sócio-política da situação nacional. Isto teria sido feito por ele mesmo, nos seguintes artigos: "Origins of the present crisis" (1964); "The Left in the fifties" (1965); "Socialism and pseudo-empiricism" (1966) e "Components of the national culture" (1968). Além

¹ Em uma nota de rodapé, Anderson expõe o que entende por totalidade: uma entidade cujas estruturas formam um todo de modo que nenhuma delas pode ser considerada separadamente, senão como abstração. Cf. Anderson, 1968: 58.

destes textos seus, Anderson cita outros cinco de Tom Nairn, também publicados na *NLR*, entre os anos de 1964 e 1971. O autor ainda acrescenta que o trabalho de Gramsci era pouco conhecido na Inglaterra e os artigos foram contestados. Em uma nota de rodapé, Anderson afirma que a principal resposta a aqueles textos foi “The peculiarities of the English” e acrescenta: “Suas críticas provavelmente obtiveram concordância geral na Esquerda inglesa” (Anderson, 1976: 07).

A partir da leitura destes três artigos comentados acima, pode-se tentar entender o impacto do debate com Thompson na produção posterior de Anderson. Como exposto anteriormente, este autor continuou a repetir as idéias já presentes em “Origins” e “Socialism”, com pequenas alterações - como na questão da *intelligentsia* inglesa. Além disso, fica evidente que Anderson se considera parte de um grupo de marxistas britânicos; consolidado após o declínio da primeira geração da *New Left*, no início da década de 1960. Este autor vê os intelectuais ingleses anteriores a ele caracterizados pela falta de rigor teórico, pela ausência de análises estruturais da sociedade britânica e pelo uso de uma retórica simplista, que envolvia expressões como “pessoas comuns” (Anderson, 1965: 17). Anderson almeja superar tais falhas e põe em prática um plano articulado em torno da editoria da *New Left Review*. Quando a revista já está consolidada entre o circuito marxista europeu, então o autor se assume como parte de uma linha marxista inglesa recente, distanciada do humanismo defendido pela primeira geração da *New Left*, em especial, por Thompson.

O debate na obra de Thompson (1964-1978)

Um texto de Thompson no qual ecoa o debate travado com Anderson é “An open letter to Leszek Kolakowski” (1973). No formato de uma carta, dirigida ao intelectual polonês Leszek Kolakowski, Thompson escreve este texto de modo bastante pessoal. Partindo de algo comum aos dois - o fato de ambos terem sido vozes do revisionismo comunista de 1956 -, o inglês expõe sua frustração ao avaliar as realizações da *New Left* e afirma: “as práticas

intelectuais produzidas naquele momento de fissão ideológica tornaram-se poeira radioativa na maior parte do mundo político” (Thompson, 1978: 303). A partir desta constatação, o autor aborda a sua trajetória pós-1956, quando, por alguns anos, continuou a explorar temas relacionados aos acontecimentos daquela data; por meio de textos publicados na *The New Reasoner* e na *New Left Review*. A *New Left* britânica é vista por Thompson como uma das primeiras gerações de um movimento maior na esquerda, que buscava independência das antigas polaridades. A prática política deste grupo envolvia organizar as marchas anuais até o sítio nuclear de Aldermaston, participar de *Left Clubs* e angariar fundos para publicações. Em meio a estas tarefas, seus membros deixaram parte de suas atividades intelectuais de lado, para poder lidar com as contingências da militância. O grupo foi se desgastando ao longo dos anos e buscou se recuperar realizando uma parceria com Perry Anderson e seus colegas. No momento em que escreve, dez anos após Anderson ter assumido a *NLR*, Thompson expõe sua indignação para com as decisões tomadas por Anderson e, mais uma vez, registra com amargura o fato de ele ter tornado os fundadores da revista dispensáveis dentro do seu quadro editorial.

O seu relato pessoal adquire tom satírico quando Thompson aborda as supostas falhas que havia no primeiro grupo da *NLR*, como ocorre na seguinte passagem:

Nós éramos, é o que parece, insuficientemente ‘rigorosos’: o que era verdade. Nós estávamos confinados a uma estreita cultura nacionalista e não estávamos a par do verdadeiro discurso Marxista internacionalista: o que significava que, na verdade, nós atendíamos às vozes de Kolakowski, Hochfeld e Wazyk, de Tibor Dery e Illyes, de Basso e de Djilas, de C. Wright Mills e de Isaac Deutscher, e atendíamos insuficientemente a um diálogo específico entre Marxistas Parisienses e Parisienses existencialistas. E nós não éramos ‘reputáveis’: o que significava que o nosso trabalho não era bem quisto em Oxford (Thompson, 1978: 312).

Neste trecho parece que o debate com Anderson ainda não acabou. Do mesmo modo como Anderson repete proposições desenvolvidas no debate com Thompson, este insiste em abordar questões referentes à passagem de uma geração da *New Left* para outra. Sobre uma das dimensões

desta transição – a dimensão política, evidente no modo como cada um conduziu a *NLR* – Thompson afirma que ela se deu ao modo inglês, realizada entre cavalheiros. Apenas em 1965, três anos após Anderson ter assumido o periódico, Thompson publicou, em “The peculiarities”, críticas e objeções às interpretações propostas por Anderson. Thompson nota que:

Estas [críticas e objeções] levaram a questões implícitas significativas, apesar de eu ter sido inibido tanto pelo meu próprio senso de companheirismo na Esquerda quanto pelo conselho editorial, de publicar todas as objeções. No seu próprio tempo, e talvez com menos senso de inibição, Anderson respondeu. A sua resposta, na minha visão, não respondeu minhas objeções nem abriu novos problemas significativos (Thompson, 1978: 312).

Como esta transição, segundo o próprio Thompson, ocorreu suavemente, pode-se afirmar que o debate com Anderson é o momento mais exacerbado desta passagem. Igualmente, é possível se perguntar se não seria o mesmo debate a consolidação desta transição.

Thompson vê esta passagem como parte de um processo que tem por fim “europeizar” a produção intelectual britânica, de modo a deixá-la menos antiquada e torná-la mais atual; a partir da incorporação de novas práticas e de um novo vocabulário. Na utilização de um vocabulário cada vez mais especializado, a maneira própria de se expressar dos ingleses – pouco sistemática e caracterizada pelo uso de uma linguagem comum – estaria sendo esquecida. Além desta novidade introduzida com a nova tradição da *New Left*, Thompson expõe outras atitudes e pensamentos próprios deste segundo grupo no controle da *NLR*. Aliada a esta nova maneira de se comunicar e à rejeição ao modo de investigação empírico, está a possibilidade de a teoria imperar sobre a prática.

Thompson também acredita que uma inabilidade para discutir artes, moral e valores esteja se formando; relacionada com a ênfase na objetividade teórica. A crença de que não havia nenhuma tradição marxista relevante na Inglaterra antes de 1963 é, de um modo ou de outro, propagada por esta nova geração – Anderson faz isto em textos seus já comentados aqui. Também é criticado o pouco espaço que há na revista para publicações

de dissidentes e revisionistas. Antes que se tenha a impressão de que o texto deveria se chamar “An open letter to Perry Anderson”, Thompson dirige-se a Kolakowski e o critica por ter se inserido nesta nova tradição.

Apoiado em textos antigos redigidos por Kolakowski, Thompson critica a ortodoxia dentro do marxismo, assim como a institucionalização e o sectarismo dos grupos. Este autor define quatro concepções diferentes de marxismo e deixa claro que aprecia o diálogo entre elas, bem como o diálogo com outras correntes do pensamento. A maneira como o autor entende o marxismo envolve a noção de “tradição”, pois, segundo Thompson, esta idéia permite ecletismo e diversidade.

Ao final desta carta, o autor despede-se e comenta o formato ‘carta aberta’ deste texto, ao abordar a questão da oposição e do embate na formulação de idéias. Neste sentido, Thompson afirma: “é apenas encarando oposição que eu estou apto para definir o meu pensamento como um todo” (Thompson, 1978: 396).

Os outros dois textos relevantes para a proposta deste estudo são frutos das reflexões de Thompson realizadas ao longo da reedição de *William Morris: romantic to revolutionary* (1955), vinte anos após a primeira publicação da obra. As seções “Postscript: 1976” e “Author’s note to the revised edition” ambas presentes na reedição de *William Morris*, compõem um artigo de Thompson publicado na *NLR* sob o título de “Romanticism, Moralism and Utopianism: the case of William Morris” (1976). Entre os escritos presentes no livro e o texto do periódico, há algumas diferenças. O texto da *NLR* é mais sucinto, visto que alguns estudos analisados no livro não aparecem em tal artigo.

De todo modo, os textos seguem um mesmo caminho: a moral, os valores e a arte de Morris são discutidos e analisados por Thompson. No pós-escrito, o autor propõe uma articulada interpretação dos textos de Morris, fruto de muitos anos de reflexão. Thompson afirma que seu desentendimento com o marxismo ortodoxo tem muita influência deste crítico romântico.

O pós-escrito termina e segue-se a ele, no livro, uma nota do autor (“Author’s note to the revised edition”). Aqui, Thompson aborda um aspecto

do período no qual a primeira versão foi escrita: o surgimento do que ele considera uma nova geração de intelectuais marxistas na Inglaterra. Na sua visão, esta nova geração – ele não cita nomes - negligencia a existência de uma tradição marxista na Inglaterra anterior a 1960. Então, Thompson escreve que William Morris fez parte da primeira geração de intelectuais comunistas na Europa e enfatiza a qualidade e a originalidade de sua contribuição.

No artigo, a parte final difere um pouco da nota publicada no livro. Sob o subtítulo “Afternote”, Thompson retoma as divergências entre “alguns escritores da ‘primeira’ e da ‘segunda’ *New Left Review*” e desenvolve melhor as questões apenas implícitas no livro. Segundo ele, entre os escritores da segunda *NLR* têm proliferado interpretações que enfatizam o lado reacionário da tradição romântica. Tal escolha visa mostrar as supostas falhas dos intelectuais britânicos, que nunca teriam produzido algo de elevada qualidade, como os alemães ou os franceses. A controvérsia com Anderson e Nairn é citada como o momento em que estas questões se tornaram públicas. Passados 10 anos desde o debate, Thompson avalia como positiva as críticas desta segunda geração em algumas áreas. Todavia, ele critica a corrente althusseriana que busca desacreditar as peculiaridades britânicas e apagar as tradições alternativas. Como exemplo deste *generation gap*, Thompson cita um texto de Terry Eagleton sobre Raymond Williams, publicado na *NLR*. Neste artigo, Eagleton reduz a tradição romântica a uma “ideologia radical-conservadora” e acusa Williams de defender um “populismo romântico” (Eagleton, 1976).

Thompson teme a primazia da “Teoria”, visto que ela é de domínio apenas dos intelectuais, cujo elitismo é perverso, pois negligencia os valores e as idéias produzidos por trabalhadores e trabalhadoras. Antecipando o debate desencadeado por *The poverty of theory*, Thompson dirige-se aos Althusserianos e afirma que não sairá de cena:

Nem a Esquerda nem o Marxismo podem algum dia pertencer a um grupo de pessoas que ergue cercas e placas de propriedade, só podem pertencer a todos aqueles que escolhem permanecer em tal ‘terreno’ e que se misturam com o trabalho (Thompson, 1976: 111).

Renata H. Dalaqua

Quando se lê esta última parte do artigo de Thompson, tem-se a impressão de que o debate não acabou. As referências à controvérsia com Anderson e Nairn mantêm o debate vivo, na medida em que retoma um dos seus aspectos; a saber: o que se refere aos distintos projetos políticos. É um debate historiográfico, mas o que persiste ao longo dos anos é uma questão política, que entende a prática intelectual como prática política.

O significado do debate no interior da *New Left*

Não é surpresa o fato de a análise da produção de Anderson e de Thompson no período entre o debate no interior da *New Left* e a controvérsia em torno de *The poverty of Theory* evidenciarem questões residuais, referentes ao primeiro debate, e questões embrionárias, que serão propriamente desenvolvidas nos livros publicado em 1978 e 1980. No período selecionado, Thompson, mais do que Anderson, propõe reflexões acerca do significado do debate no interior da *New Left*. É este autor quem fala em *transição*, a palavra-chave para a compreensão do momento que o debate evidencia. Não obstante, Anderson nos dá pistas para entender a controvérsia, na medida em que efetua avaliações e análises da atuação dos marxistas na Inglaterra. O modo como ele vê tais intelectuais varia conforme o período a que ele se refere; há claramente uma maior generosidade nas referências às concepções por eles desenvolvidas a partir Se transição é a idéia que melhor explica a controvérsia, ela não está completa sem que se acrescentem alguns outros termos. De acordo com a minha interpretação, há três distintas dimensões no significado do debate: transição política, transição de geração e transição teórica. A primeira delas está evidente naquela que tem sido a prática política mais constante na *New Left* britânica, a publicação do periódico *New Left Review*. Há mais de quarenta anos, a revista está em circulação e é certamente a referência mais lembrada quando se pensa neste grupo de marxistas ingleses. Michael Kenny aponta para reflexões semelhantes e também sustenta que a chegada de Perry Anderson à editoria da revista

acarreta na demarcação de uma linha que divide entre antes e depois de 1962 (Kenny, 1995: 03). No entanto, ele se refere a estas diferentes concepções da *NLR* como projetos teóricos e, neste ponto, é preciso discordar dele.² A escolha do conteúdo da revista é, acima de tudo, uma decisão política. Há questões que dizem respeito à teoria, mas são elas também políticas. Como Kenny mesmo demonstra, após 1962, o periódico passou a publicar mais textos redigidos por intelectuais de países subdesenvolvidos, em detrimento de artigos redigidos por dissidentes do leste europeu (Kenny, 1995: 79). Thompson aborda esta questão em “An open letter to Leszek Kolakowski”, consciente da decisão política que há por trás dela.

A transição de geração de marxistas britânicos acarreta algumas alterações dentro da esquerda. As concepções políticas da nova geração, que desponta juntamente com Anderson, diferem da geração que lhe precede de diversas maneiras. Não obstante, há uma questão que é central: o fato desta segunda geração não ter vivenciado a guerra. A Segunda Guerra Mundial marcou profundamente a primeira geração da *New Left*, e a relação que os membros deste primeiro grupo estabeleceram com o Partido Comunista Britânico pode ser melhor compreendida quando se considera a vivência deste conflito. O papel desempenhado pelo Partido Comunista Britânico foi, por muito tempo, central na vida dos intelectuais que, como Hobsbawm e Thompson, participaram ativamente da guerra. A experiência da guerra não é de 1962. Esta mudança de perspectiva deriva da identificação que Anderson adquire com um grupo de marxistas que se torna mais influente após tal data. O debate escrito tem início apenas em 1964, mas é possível afirmar que a ruptura começa dois anos antes, algo que se transmite, e daí decorre o *generation gap*, existente entre o primeiro e o segundo grupo da *New Left*.

² Refiro-me à seguinte passagem: “Certainly the British New Left is known today in terms of the *theoretical project* pursued within New Left Review since Perry Anderson’s editorship began in 1962” (Kenny, 1995: 03).

É interessante notar que nesta ruptura, explicitada na ascensão de um novo grupo de intelectuais britânicos, há um participante da primeira *New Left* que continua como referência para o segundo grupo: Raymond Williams. Nos artigos analisados durante a realização desta pesquisa, Williams é a fonte citada mais presente, tanto nos textos de Anderson como nos textos de Thompson. Não obstante, cada autor enfatiza aspectos diferentes da atuação de Williams. Anderson cita *Culture and Society* e *The long revolution* como exemplos de excelência analítica. Já Thompson, além de fazer menção às obras de Williams, também se aproxima deste autor para falar das concepções que ambos desenvolvem acerca do humanismo socialista. É desnecessário dizer que Anderson não se utiliza das idéias humanistas de Williams; ainda, é preciso lembrar que componentes desta segunda geração criticam Williams justamente neste ponto. Assim sendo, é apropriado observar que há uma continuidade que se dá por meio de uma *tradição seletiva*; um termo do próprio Williams que diz respeito à versão do passado que deve conectar-se com o presente e sancioná-lo (Williams, 1977: 117). A dimensão teórica da produção de Williams seria o aspecto residual, que é incorporado e se mantém vivo nesta nova geração da *New Left*.

Por fim, a transição teórica ocorre com a introdução, no debate marxista inglês, de conceitos e idéias desenvolvidos por Louis Althusser e Antonio Gramsci. Nos artigos de Thompson analisados neste texto, o embate com Althusser e suas formulações já está presente. Thompson critica o pouco espaço que as análises estruturais deixam à ação humana. A crescente exigência por rigor teórico incomoda este autor por razões já citadas, como a perversa primazia da “Teoria” sobre a história e, até mesmo, a vida. Com a publicação de *The Poverty of Theory* (1978), Thompson impulsionará mais um debate, referente aos postulados advogados por intelectuais althusserianos e ao que eles acarretam. Mesmo não se considerando um discípulo de Althusser, Anderson propõe-se a responder o livro de Thompson e publica *Arguments within English Marxism* (1980). Levando-se em conta este segundo debate entre Anderson e Thompson, é

possível analisar o intervalo entre uma controvérsia e outra como uma espécie de epílogo de uma e prólogo de outra.

A influência de Gramsci sobre o marxismo inglês será enorme e se constituirá em objeto de muitos estudos.³ Neste artigo, cabe apenas indicar que o debate no interior da *New Left* exemplifica o momento inicial em que a tradição inglesa se apropria das concepções gramscianas. Por mais que Anderson e Thompson, no momento inicial do debate, tivessem apenas um acesso restrito aos escritos de Gramsci, os temas abordados em *Cadernos do Cárcere* perpassam toda esta controvérsia; começando pela idéia de 'crise', presente no título do artigo que a desencadeou. Além disso, a discussão em torno da ideologia, da hegemonia e dos intelectuais na Inglaterra ressoa Gramsci inevitavelmente.

Bibliografia

- ANDERSON, Perry. "The Left in the fifties". *New Left Review*, London: Verso, v. 1, n. 29, p. 03-18, Janeiro/Fevereiro 1965.
- _____. "Components of the national culture". *New Left Review*, London: Verso, v. 1, n. 50, p. 03-57, Julho/Agosto 1968.

³ Stuart Hall, em um artigo redigido em 1987, propôs-se a pensar "em voz alta" sobre a maneira como os escritos de Gramsci afetaram a esquerda britânica. Não há dúvida de que o legado gramsciano foi imensamente apropriado por parte dos intelectuais britânicos e, em "Gramsci and us", Hall sugere que a maior contribuição de Gramsci para a *New Left* foi o conceito ampliado de política (Hall, Stuart, "Gramsci and us", In: Hall, Stuart, *The Hard Road to Renewal*, London : Verso, 1988, p.168). Certamente, este foi um ponto norteador na prática intelectual e política da *New Left*. As pesquisas conduzidas no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS, na sigla em inglês), fundado na Universidade de Birmingham por Richard Hoggart, consolidaram estudos culturais ancorados nas concepções expandidas de Gramsci. Além do texto de Hall, há um artigo de David Forgacs, publicado logo depois na *NLR*, que também se refere à recepção das concepções gramscianas na Inglaterra (Cf. Forgacs, David. "Gramsci and Marxism in Britain", *New Left Review*, London : Verso, v.1, n.176, p. 70-88, July-August, 1989). Mais recentemente, Tom Steele ocupou-se da mesma questão em "Hey Jimmy! The Legacy of Gramsci in British Cultural Politics", In: Andrews, Geoff (et al), *New Left, New Right and Beyond*, New York : Palgrave Macmillan, 1999.

Renata H. Dalaqua

- _____. "The antinomies of Antonio Gramsci". *New Left Review*, London: Verso, v. 1, n. 100, p. 05-78, Novembro/Dezembro 1976.
- ANDREWS, Geoff (et al). *New Left, New Right and Beyond*, New York : Palgrave Macmillan, 1999.
- EAGLETON, Terry. "Criticism and politics: the work of Raymond Williams". *New Left Review*, v.1, n.95, 1976.
- FORGACS, David. "Gramsci and Marxism in Britain". *New Left Review*, London: Verso, v.1, n.176, p. 70-88, July-August, 1989.
- HALL, Stuart. "Gramsci and us", In: HALL, Stuart, *The Hard Road to Renewal*, London : Verso, 1988.
- KENNY, Michael. *The first New Left: British intellectuals after Stalin*. London: Lawrence & Wishart, 1995.
- THOMPSON, E.P. "An open letter to Leszek Kolakowski". In: THOMPSON, E.P. *The poverty of theory & other essays*. Londres; Nova Iorque : Monthly Review Press, 1978, (A primeira publicação deste texto foi em 1973, no periódico *Socialist Register*).
- _____. *William Morris: Romantic to Revolutionary*. 2 ed., New York : Pantheon books, 1976. (A primeira publicação deste livro foi em 1955).
- _____. "Romanticism, Moralism and Utopianism: the case of William Morris". *New Left Review*, London : Verso, v.1, n.99, p. 83-111, Setembro/Outubro 1976.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1977.

Recebido em out./ nov. de 2008 e aprovado em jan. de 2009.